



poesia escolhida

de José Jorge Letria

Obra protegida por direitos de autor

poesia escolhida

de José Jorge Letria

li

.....

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Email: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

FOTOGRAFIA DA CAPA

© Augusto Brázio/kameraphoto

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Xavier Gonçalves

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia Lousanense

ISBN

978-989-26-0156-4

DEPÓSITO LEGAL

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:



CASCAIS

CÂMARA MUNICIPAL

© SETEMBRO 2012, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

poesia escolhida
de José Jorge Letria

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE TERESA CARVALHO

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

DA ARTE DE MORRER NOS 40 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE JOSÉ JORGE LETRIA.....	11
------------------------------------------------------------------------------	----

PRÓLOGO

TOMEM-ME PELO QUE SOU: ESCOMBRO QUE AFRONTA.....	31
A MINHA LINHAGEM.....	32
NOME DE PAZ SABENDO A MAR.....	35
QUEM ME FEZ SEM FÉ.....	36
A QUEM PERGUNTAR QUEM SOU.....	38
QUANDO O SOL DECLINA.....	40
COMO NAS HISTÓRIAS.....	42
O VERÃO (GIUSEPPE ARCIMBOLDO).....	43

PERSONAGENS E RASTOS DE AUSÊNCIA

MALABAR.....	47
O ACTOR.....	48
O POETA SAUDÁVEL.....	49
HABITANTES DOS RETRATOS.....	50
O LEITOR.....	51
A ACTRIZ INCENDIADA.....	52
MULHER A CHORAR (PICASSO).....	53
TERREIRO DA CASA.....	54
ESQUIVA-SE A FELICIDADE.....	55
O AMOR TUDO MATA QUANDO MORRE.....	56
DO OUTRO LADO DOS LIVROS.....	57
AGOSTO, LEMBRO-ME, TINHA UM TAMBOR A TOCAR.....	58

DEBAIXO DOS PÉS SE LEVANTARÃO	59
COMO UM MANTO DE SAUDADE.....	60
CONTACTO	62

CENA VIVA

TANTAS MORTES QUE NEM SEL.....	67
CONSUMAÇÃO DA ESCRITA	68
PONHAM OS TALHERES DE PRATA NA MESA	69
FOTO COPIA DOR	70
O ARMÁRIO.....	71
DE QUE VISÃO ME FALAS? ⁹	72
DEPOIS DO HOMEM	73
FINJO-ME REI DE TODAS AS LUAS	74
PODE LÁ HAVER MAIOR TRIUNFO.....	75
NÃO PODE HAVER ZONAS INTERMÉDIAS.....	76
EU QUERIA TER A LARGURA DE UM PALCO.....	77
À CUSTA DE ME QUERER UNO, PULVERIZEI-ME	78
DE REPENTE, A MINHA VIDA COMEÇA.....	79
QUE TODA A MORTE SEJA APENAS ESTE HIATO.....	80
LEVE-SE O ATREVIMENTO ATÉ À ÍMPIA, TOTAL.....	81
CRESCE UM LIVRO, EM MOTIM DE FALAS	82
ANDA A FEBRE DE UM MILÉNIO.....	83
SE PUDESSE AMAR-VOS, ERA AQUI QUE VOS AMAVA.....	84
PORFIAS, E TENS-ME ONDE ME QUERES	85
QUANTAS VEZES PERDI O DOMÍNIO DA MÃO	86
MORRO TODOS OS DIAS UM POUCO MAIS	87
ANDA UM LIVRO A ESCREVER-ME COM VAGAR DE ESCRIBA	88
A VOLÁTIL SUBSTÂNCIA DO SONHO.....	89
A IMAGEM ATRÁS DO VIDRO.....	90
A ENCENAÇÃO DOS MEDOS.....	91
JUNTO ÀS ALGAS	92
DETÉM-TE, CORAÇÃO	93

DE ARTIFÍCIOS E ADEREÇOS	94
SENHOR PESSOA, CHEGAMOS A CASCAIS	95
NA RUA DA BELA VISTA, COM TANTO PARA LEMBRAR	97
BOCA DO INFERNO	105
O AR DENTRO DO GRITO	107
A EXTREMA COMOÇÃO	108
LANCETA DE FOGO	109
UIVAM CÃES DENTRO DA CAMPÂNULA DA NOITE	110
ESVAÍ-ME EM SOLITÁRIAS FALAS	112
O MEU TEATRO É IRREPRESENTÁVEL POR SER	113
NUM GRANDE TEATRO ANTIGO	114
ESTOU NESTE QUADRO NUM TUMULTO QUE SÓ O VERSO	115
PROCLAMA EM MIM A TUA MORADA	116
NUM CRISTAL DE ORVALHO	117
TUDO POR UM DIA	118
EU VINHA POR UM POUCO DE VIDA	119
DÉDALO DE NOMES E ENREDOS	120
BOTHO STRAUSS	121
WILLIAM SHAKESPEARE	122
LUIGI PIRANDELLO	123
TERMINAR NA PALAVRA FIM	124
O PEQUENO TIGRE VERDE	125
ONDE O LIVRO ACABA E A VOZ COMEÇA	126
QUEM MORRE NO QUE DIZ	127
COMO UM TORNADO	128
TUDO SOBRE O MISTÉRIO DA ESCRITA	130
TUDO SÃO HIPÓTESES	132
O PESADELO NO CORAÇÃO DO TEXTO	133
NA MINHA RUA, AO ANOITECER	134
ESTÁ BEM E RECOMENDA-SE	135
COMO AS LENDAS E OS MEDOS	136
ÚLTIMO ENCONTRO COM CESÁRIO	137
AS PÉTALAS DO HORROR DA FEBRE	140

A MUDANÇA DE PELE.....	141
UMA NOITE FECHADA A SETE CHAVES	142
E DEPOIS VIRÁ A NOITE.....	144
PACTO FINAL COM A INFÂNCIA.....	145
ONDE ANTES HOUE DEUSES	146

PARA LÁ DO PANO: A ARTE; A VIDA

A IRA DOS POETAS.....	149
O MAIS QUE SE DISSER.....	152
O ESSENCIAL ESTÁ NA MÚSICA	153
O VERSO ALCANÇANDO O INFINITO	155
ENQUANTO A LUZ O VISITOU	157
ESCREVE-SE PARA O DESDÉM.....	159
O PALCO É UMA VOZ.....	161
PARA UMA ONTOLOGIA DO DIZER	163
A MEMÓRIA ATÉ AO FIM.....	164
A CELEBRAÇÃO DA METÁFORA	165
O QUE ESCREVO SEM LIMITE.....	166
SOBRE O HEROÍSMO	167
CÓLOFON	168

poesia escolhida

de José Jorge Letria

COMO NAS HISTÓRIAS

Gostava que fosse como nas histórias.
“Era uma vez” e depois entravam as personagens,
umas para trair, outras para amar,
outras ainda para serem só figurantes,
criaturas menores para sustentarem
a ossatura do enredo. Umhas haviam
de morrer de morte natural, outras
em circunstâncias confusas e trágicas
como a Marilyn na sombra dos Kennedy,
outras ainda no meio do palco
como os heróis se Shakespeare ou de Victor Hugo,
com sangue a fingir colorindo as roupas
e os longos mantos de veludo negro.
Gostava que o poema contasse uma história
e que essa história fosse sempre e só
a minha, biografia apócrifa
de um desencantado da vida,
de um ser confessional e dúbio
que ainda hoje se compraz a ser
o mais dedicado espectador
de tudo o que, sem exceção, o faz sofrer.
Gostava que fosse como nas histórias
e que antes da palavra “fim”
houvesse um anjo de olhar trocista
em piruetas de circo para me fazer rir.

O VERÃO
(GIUSEPPE ARCIMBOLDO)

Para mim foi sempre isto o Verão:
uma orgia de frutos,
um labirinto de aromas,
um dédalo de cores com cadência de ondas,
em fundo, tudo fazendo correr
na direcção do mar, como uma fatalidade.
A ciência de Arcimboldo, sim, a ciência,
nunca esteve no modo como combinou
frutos e legumes para criar
a ilusão de vida em rostos surreais,
só reais como a imaginação dos alquimistas.
Em Praga riam-se dos seus jogos visuais,
dessa ilusão que criava com pepinos,
azeitonas, maçãs, pêssegos e laranjas,
mas o pintor não se importava,
pois um quadro seu, sendo comestível,
bastaria para debelar o escorbuto
de uma armada com tanta vitamina.
Revejo-me neste retrato de Verão
como me revia no quintal da minha avó,
imaginando o mundo como um cesto de fruta
cercado de céu e de mar até à loucura.

(Página deixada propositadamente em branco)

PERSONAGENS
E RASTOS DE AUSÊNCIA

(Página deixada propositadamente em branco)

MALABAR

Espectador de água e lava,
sinto-me a metade mais inquieta
deste território de sombra
onde nem sempre a ocultação
se torna possível. Malabar,
é a mim mesmo que faço desa-
parecer com engenho de dedos
e sílabas rebeldes retomando,
para espanto dos olhos,
a forma humana e fustigada
que, a bem dizer, nunca deixei
de ter. Meço-me a palmo com
ágeis mãos de sobressalto
e redescubro-me a amar
a outra metade de mim
que, na ilusão das luzes projec-
tadas, se dilui e divide
para que o espectáculo não pare.

O ACTOR

Este actor que agoniza na memória
dos teatros diurnos
usa uma máscara aterradora
igual à minha cara quando sofro,
quando me deixo consumir
pelo tumulto das horas das esperas,
pelo denso azedume
que implanta a desordem nas cenas
insólitas e graves. O actor dirá
por mim tudo o que eu não ousou dizer
sobre o medo e sobre a deambulação
dos olhos à superfície das águas,
sobre os vestígios amarelos do tabaco
nos dedos da mão direita
da mão que adormece sobre a página.

O POETA SAUDÁVEL

É claro que recebi a tua carta:
mandou o Cesário dizer
ao seu amigo Macedo Papança,
e já a doença lhe minava os pulmões,
o desassossegava com a sua febre
baixa, corrosiva.

Não sei por que me obstino
em convocar o Cesário
para a mesa alta e limpa do texto,
feita de mogno e enfeitada
com hortênsias e açucenas.

Escorre do verso a humidade pegajosa
das casas enfermas. Liberta-se
dos lençóis o cheiro do éter
e dos xaropes caseiros.

O Cesário escreve
como um poeta saudável, e o ar
que sai dos poros da sua escrita
é leve como um rasto branco
de ave marítima.

Anda a febre de um milénio
com as suas máquinas e máscaras
a desenhar em mim, na letra sibilina
dos augúrios, o círculo de lava
dos grandes teatros nocturnos.
Cabe-me um monólogo ou um silêncio
cerzido a púrpura? Deslizo pelo lado
mais íngreme da fala, pelo que leva
ao âmago do texto, e tudo o que ousou
dizer é este pressentimento
de uma consciência infeliz
a explodir devagar nos interstícios.

Se pudesse amar-vos, era aqui que vos amava,
mas eu tornei-me inábil para os afectos,
incapaz de outra dádiva que não seja
o sangue do verso na ferida da voz.
Desencanto-me no que digo,
fustigo-me em tudo o que confesso.
Morre-se um pouco mais todos os dias,
à míngua de um amor
que alvorece e enfureça,
que queime, mutila e enlouqueça.
Eu já não sei amar, nem quero,
mesmo aqui, onde o sentimento
acasala com a memória do azul,
só sou capaz de uma fugaz comoção.
Não a das lágrimas, não a do coração
a rebentar na câmara de som da garganta.
Falo de uma outra comoção:
da que se agiganta na escrita
quando a palavra atinge o âmago de tudo.

Porfias, e tens-me onde me queres,
ao lado da cama, junto ao parapeito
da janela que dá para o rio.
Acomodo-me. Podia ser de todos os lugares.
Mas é aqui que fico ancorado,
com a ausência suspensa nos braços
e a ternura proscrita nos lábios.
O meu exílio é um coração fendido
pelo metal da voz que o desengana,
é uma borboleta de pano
esvoaçando, aflita, entre dois lumes.
Aguardo a sentença da noite
para saber se permaneço ou se parto.
Todos os dias me deixo enlanguescer
com a ilusão de que serei livre.

Quantas vezes perdi o domínio da mão
que escreve, que afaga, que aponta.
Deixava-me ficar enroscado num canto
a pensar no que podia ter escrito
e não escrevi, no que tinha
ao alcance dos lábios e deixei escapar,
do que tinha ao alcance dos dedos
e deixei evadir-se pelo lado da sombra.
Um dia, a mão que escreve esqueceu
a beligerância e a revolta e usou as tintas
para pintar um quadro com a fúria das marés
e o ímpeto de uma onda alta
a varrer o areal como quem purifica o rosto.

Morro todos os dias um pouco mais
naquilo que não escrevo.
Em nenhum teatro me quero representado,
que a minha máscara é a do tédio e da fadiga.
Estou cativo de um tempo alvoraçado
em que tudo é interrogação e dúvida.

A descrença é uma música letal
que mata devagar sem que deixe
sinais visíveis, marcas de dedos
errantes sobre a carne.

Animal incolor e subterrâneo
é o que cresce à sombra dos dias
e grava na fala um silêncio
enleante e vagaroso.

Anda um livro a escrever-me com vagar de escriba,
com paciência de artífice arqueado sob o peso do olvido,
e eu quieto a vê-lo escrever-me, página a página,
minúcia artesã de quem tece a memória do texto
e revê nele as ondas e as águas, as íngremes veredas,
as alamedas da sombra, do fogo e do vento.

Anda um livro a evadir-se da sina de escrever-me.
Perco-o no labirinto de um claustro
e assisto à chegada do Outono,
acocorado entre as sebes a contar as horas
de uma espera como quem conta as estrelas
loucas de outro inatingível céu.

Eu saía de cena no teatro das nuvens e ousava
pronunciar esta fala: até tu, poesia, me abandonaste agora.

A VOLÁTIL SUBSTÂNCIA DO SONHO

Eu havia de escrever o meu nome
na quietude branca da porcelana antiga
e antes que tudo acabasse
havia de tacteá-lo com o grande vagar
dos pássaros sonâmbulos
só para me lembrar das cores das cidades
baloçando na febre dos canais.
Dava por mim e tinha a idade do meu pai
neste retrato apodrecido pelo bolor
numa manhã deslizando para as águas.
Eu tinha nascido havia pouco
e a minha insónia era já uma doença
acordada no delírio dos tambores
que ressoavam das ameias.
Que queres ser quando fores grande?
Eu tinha o voo largo das borboletas
que desfalecem na armadilha luminosa
das lâmpadas sujas de pó. Acabara de nascer
e já quase tudo me doía: o motor da fala,
o nervo do assombro, o músculo tenso
do espanto a escancarar a boca.
Chegava de repente a uma outra idade
em que não sobrava tempo para o tempo
e tudo era uma avassaladora ficção.
Que faço eu ainda aqui?

A IMAGEM ATRÁS DO VIDRO

Eis-me, imagem baça, a morrer atrás do vidro,
a tentar a meticulosa abordagem da noite
cercado de odores que lembram mágoa e luto.
Se caí no embuste, foi no da sombra.
Se me tornei sacrílego, foi sem o saber.
Abriguei-me da chuva sob os andores
das primeiras procissões da Semana Santa.
Depois fiz-me herege, andarilho, iconoclasta,
incrustei no bojo das nuvens o meu nome
tocado pelo feitiço branco das estrelas.
Chorei em almofadas altas de vento
todas as lágrimas herdadas da infância
e sempre que acordei foi para morrer
com fingimentos de insónias sobre os espelhos.
Deixei de pestanejar à vista da luz
porque as minhas pálpebras se habituaram
a descer como cortinas de névoa. Entrei
em quartos minguantes por portas
que mais ninguém ousou abrir e quando
a manhã me pôs nas roupas a dedada luminosa
que anuncia Junho, já eu era outro,
exausto e cabisbaixo, a sufocar com os
peixes na sofreguidão do ar, mas sempre
atordado pela tentação da felicidade.

e quando a atriz mitiga a dor da personagem
é a santidade que inunda o palco
com a água primordial que nos redime.

PARA UMA ONTOLOGIA DO DIZER

Chega-se a uma idade, eu sei,
em que já quase tudo ficou dito, e vivido.
É então que fazer? Que escrever?
Há quem faça a mala e parta para dentro de si,
sem bilhete de retorno, passagem única
para o mais explicável dos silêncios.
Também há quem continue, quem teime,
quem persista, quem finja não aceitar a rendição,
e só a miséria branca dos livros dá notícia
do tremendo vazio que lhes avassala a alma.
Sempre os livros, só os livros. A miséria dos livros
não é coisa que os críticos consigam perceber,
nem mesmo os que sonham
vir a escrever livros de poemas.
Os búfalos têm os búfalos, que os catam
e deles ritualmente se alimentam. Assim é também a literatura:
precisa dos seus catadores, dos seus caçadores de insectos
e dos outros seres incomodativos, das excrescências.
Tudo se explica à luz da natureza, menos, repito,
a miséria branca dos livros, sintoma de que há uma voz
que teima em continuar a fazer-se ouvir,
mesmo quando tudo ficou já dito, vivido.
Só o sonoro e inclemente deus das palavras
sabe que há perdão, mas nunca redenção,
para quem continua a escrever só para mostrar,
nem que seja ao espelho, que algo ficou ainda por dizer.

A MEMÓRIA ATÉ AO FIM

De tudo se alimenta o poema:
de golpes de ar, de estilhaços de cristal,
de vozes sumidas no rumor das vozes,
de notícias dos jornais, de medos tão velhos
como a mais ressequida raiz do medo,
do eco de canções antigas, dos resíduos perfumados
de paixões de Agosto no âmago dos livros,
de tanta coisa e de coisa nenhuma.
Eu já extorqui à memória
todos os materiais que ela me pôde dar,
deixando-a exaurida e seca,
serena e limpa como um ser agonizante.
E, no entanto, é sempre a ela que volto,
neste eterno retorno em que me perco,
pedindo-lhe indulgência e dádiva,
esperando dela somente um pouco mais
de mim depois de quase tudo ter esquecido.
A memória tornou-se autónoma e esquivava,
como se nunca tivesse pertencido
a quem a povoou e manteve viva.
Transforma-se num território secreto
que a ninguém franqueia as portas,
a não ser a quem ainda a ama
por dela depender até ao fim.

A CELEBRAÇÃO DA METÁFORA

Levei comigo as metáforas pelas ruas
como namoradas em romagem de saudade,
por ser tão antigo o amor que nos une.
Deleguei nelas a suprema competência
para poderem dizer com palavras suas
aquilo que eu agora só prosaicamente ousou dizer.
Elas foram as intérpretes engenhosas e fiéis
do meu jogo de sedução com a linguagem.
Diligentes, transformaram a chuva em cascata
de ventos e a felicidade, ou a tentativa dela,
numa espécie de riso espectral da alma.
Com elas enchi os bolsos, a boca,
os cadernos e as caixas de madeira exótica
onde se guardam as fotografias
das viagens nômadas da adolescência perdida.
Com elas cobicei o infinito, andei tão perto,
e seduzi as ondas numa cama de algas
puxada por dez cavalos marinhos.
Com elas verbalizei a paixão e o ódio,
o medo, o desejo e o esquecimento.
Com elas deitei-me e acordei tantas vezes,
marinheiro náufrago e domador de temporais.
Hoje, sentindo-as cansadas e feridas
pelo exercício da perpétua repetição,
sento-as à janela alta do poema
e peço-lhes que falem por mim quando eu me calo.

O QUE ESCREVO SEM LIMITE

Isto é o que escrevo sem motivo,
sem prazo, sem objectivo visível,
correspondendo a um impulso brutal
que abre as comportas à torrente da escrita.
É este o meu método, confesso.
Não ando a juntar poemas, um aqui outro acolá,
como as galinhas juntam bagos de milho.
Tudo me sai violento e natural, assim,
como o caudal de um rio sem rumo
inundando campos férteis,
arrastando consigo à passagem
idosos entrevados, cabeças de gado,
lembranças dadas como perdidas,
retratos sem data, versos esquecidos,
imagens apodrecidas na memória.
E o que fica são estes poemas
que se alongam como cobras de água
até ao limite da página, até ao fim,
regulares e densos como sangue aos borbotões
saindo de uma fonte aberta na alma.
A oficina, a existir, está submersa
pela lama, pela água e pela espuma.
Tudo o que é trabalho apenas subjaz,
esmagado pelo peso do que a emoção dita.
Sou eu que escrevo por mim até ao colapso final.

SOBRE O HEROÍSMO

Os heróis costumam morrer cedo
porque se cansam de o ser,
porque, em boa verdade, se cansam de ser.
Quem atinge o absoluto do heroísmo
não sabe o que há-de fazer no dia seguinte.
Torna-se desajeitado e perplexo,
dado ao que é paradoxal e intimidante,
imaginando que só o sangue derramado
é capaz de dar sentido à vida,
que só a ofuscante vizinhança da morte
é capaz de dar razão à alma.
Os heróis trabalham para o epitáfio,
para a memória que sobrevive ao acto
e à sua enervante banalidade.
O herói sonha com a hipótese,
sempre remota e insondável
de se tornar um pequeno deus.
É essa sua única religião,
a que consegue ser indulgente
mesmo com a inconfessada cobardia.
O herói é, afinal, um covarde que, por ironia
ou por cansaço, quebra a rotina
e se agiganta, com ou sem estandartes,
onde os outros se agacham e vomitam,
esquecendo que a morte é a única certeza.

Cólofon

Para esta edição de “Poesia Escolhida” de José Jorge Letria, usámos o tipo Didot, um elogio à dinastia Didot, que marcou ao longo de cinco gerações a qualidade da tipografia francesa.

Foi iniciada em Paris por François Didot (1699-1757), mas foi o seu neto, Firmin Didot (1764-1836), o mais notável tipógrafo desta família de impressores, editores e fundidores de tipos. Em 1738, a fundição Didot trabalhou uma fonte tipográfica do tipo romana, moderna e inovadora.

O tipo Didot, como ficou conhecido, foi utilizado para imprimir obras, tais como a Bíblia em latim de 1785.

“Poesia Escolhida”, foi impresso em “offset” sobre papel IOR de 90 gsm, e capa em CLA Classic de 250 gsm, revestida por sobrecapa impressa “offset” em papel Couché Mate de 150 gsm, plasticizado brilhante. Foi concluída a sua produção em julho de 2012, nas oficinas da Tipografia Lousanense.

(Página deixada propositadamente em branco)